

## As paisagens de Pedro Weingärtner durante o processo de colonização da região Sul do Brasil (Século XIX e XX)

*The landscapes of Pedro Weingärtner during the process of colonization of Southern Brazil (Century XIX and XX)*

Cyanna Missaglia Fochesatto<sup>✉</sup>

**Resumo:** Esta pesquisa parte da análise de duas pinturas de Pedro Weingärtner intituladas *Tempora Mutantur* (1898) e *Vida Nova* (1893), que representam o início do processo de colonização na região sul do país. Através do estudo das imagens buscamos compreender algumas questões ambientais. Partindo de uma literatura baseada no discurso de progresso e civilização, constatou-se que o mesmo se encontra presente tanto na historiografia quanto nas imagens selecionadas. Pedro Weingärtner, ao retratar as paisagens de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul que remontam à metade do século XIX e início do século XX, aponta, através de suas telas, a forma que visualizou o processo de colonização alemã, bem como a interação do homem com a natureza, por meio de seus pincéis.

**Palavras-chave:** Pedro Weingärtner. Colonização. Civilização. Região Sul. Paisagens.

**Abstract:** This research part of the analysis of two paintings of Pedro Weingärtner entitled *Tempora Mutantur* (1898) and *Vida Nova* (1893), representing the beginning of the colonization process in the southern region of Brazil. Through the study of the images we aim to understand some environmental issues. From a literature based on the progress speech and civilization, it was found that it is present both in historiography and in the selected images. Pedro Weingärtner, to portray the landscapes of Santa Catarina and Rio Grande do Sul goes back to the mid-nineteenth century and early twentieth century, shows, through his canvas, the way that visualized the German colonization process and the interaction of man with nature through his paintbrushes.

**Keywords:** Pedro Weingärtner. Colonization. Civilization. South. Landscapes.

### As paisagens de Pedro Weingärtner

Este texto tem por objetivo a análise de duas pinturas de Pedro Weingärtner: *Tempora Mutantur* (1898) e *Vida Nova* (1893), ambas de temática regional, da transição do século XIX para o XX. Busca-se compreender a forma que foram retratadas as paisagens sulistas nas telas, uma vez que o pintor representou as florestas, os campos,

---

<sup>✉</sup> Licenciada e Bacharel em História pela PUCRS; Especialista em Estudos Culturais e os Currículos Escolares Contemporâneos na Educação Básica pela UFRGS; Mestranda do Programa de Pós-graduação em História da UNISINOS, onde é bolsista CAPES. Contato: cyanna.mf@gmail.com. Artigo recebido em 26-04-2015 e aceito em 22-05-2015.

a derrubada, a terra pronta para ser cultivada e a agricultura. Enfim, o início do povoamento na região do sul do país, onde o agente principal desse processo é o imigrante alemão.

Pedro Weingärtner foi um artista gaúcho de descendência alemã nascido em Porto Alegre no ano de 1853. Viveu parte da sua vida na Europa, e, ocasionalmente, vinha visitar o Brasil para passar um tempo com a sua família. Além disso, aproveitava para expor alguns de seus quadros, principalmente no eixo Rio de Janeiro – São Paulo. Pintava temáticas variadas, como os temas da antiguidade clássica, e cenas de gênero, retratando os imigrantes na vida rural, retratos, paisagens, festas, espaços de sociabilidade e interiores de vendas. Tinha gosto pela pintura narrativa e pela repetição de alguns elementos em seus trabalhos. Era muito cuidadoso e detalhista com suas pinturas que quase sempre partiam de algum esboço prévio ou da utilização de fotografias. Foi também um dos primeiros artistas gaúchos a obter reconhecimento internacional. Morreu em Porto Alegre no primeiro quartel do século XX, no ano de 1929. (GUIDO, 1956).

Observa-se que é recente o alargamento no campo da historiografia no que se refere à utilização de diferentes fontes, como a pesquisa com fontes visuais. O uso de imagens na história tem ganhado cada vez mais espaço nas produções acadêmicas na área das Ciências Humanas. No entanto, como qualquer outra fonte de pesquisa, as imagens necessitam de cuidados teóricos e metodológicos pertinentes à sua análise. As pinturas deixam pistas ao pesquisador sobre elementos culturais e visuais que contam a história sob a lente das artes plásticas. Além disso, é importante o uso da interdisciplinariedade para a análise desse tipo de fontes, recorrendo a outras áreas do conhecimento, tais como a história da arte, sociologia, filosofia e geografia.

As iconografias, entendidas dentro do contexto de sua elaboração, podem ser entendidas da seguinte forma:

[...] Podemos ver nas imagens não apenas o que elas procuraram mostrar no passado, sua circulação e seus usos sociais, mas também aquilo que posteriormente se buscou nessas imagens, como monumentos visuais [...] A noção de patrimônio, por si só problemática, ao invés de ser tomada como um elemento estático e imutável da análise histórica apresenta-se então como um processo social, construído no tempo e no espaço, por práticas e representações diversas, em que se destacam. (TURAZZI, 2009, p. 54).

Ao tratar da relevância do estudo das imagens, Kern (2005), discorre sobre sua origem e seu simbolismo:

A imagem desde sua origem esteve relacionada à representação e à noção de imitação do real. O próprio termo teve sua origem na palavra latina *imago* que no mundo antigo significava a máscara de cera, utilizada nos rituais de enterramento, para reproduzir o rosto dos mortos. A imagem nasceu, assim, da morte para prolongar a vida e apresentou, com isso, as noções de duplo e de memória [...] Logo a imagem emergiu tendo a função de tornar presente o ausente e dar continuidade à existência terrena. (KERN, 2005, p. 7-8).

Eduardo França Paiva (2004) busca apontar questões importantes ao pesquisador quando trata da iconografia enquanto fonte de pesquisa para a história. Afirma ser a iconografia uma rica fonte histórica, pois traz consigo as escolhas do seu produtor e o contexto em que foi pensada, elaborada, idealizada ou forjada. Ainda observa que esta fonte deve ser explorada cuidadosamente. (PAIVA, 2004, p. 17).

A representação, outro conceito importante para esta pesquisa, é abordado conforme Chartier (1990, p.17), que coloca a representação enquanto instrumento de análise da história cultural, afirmando que ela pode ser construída pelos interesses dos grupos que as forjam: “Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições, cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação”. Já Pesavento (2006) ao escrever sobre a representação, discorre sobre a importância da interdisciplinariedade para a os estudos, principalmente da cultura; atentando ainda para o lugar da história ao problematizar o passado:

Estudos sobre a cultura, são, pois, complexos e por si só, induzem a uma postura, de certa forma, inter ou transdisciplinar. O diálogo, sempre enriquecedor para as partes, dá-se, por exemplo, como nesta vizinhança com a Antropologia Cultural, como foi anunciado, ou ainda com a Literatura, a Arte, o Urbanismo, a Cartografia, a Psicanálise e outros tantos domínios da apreensão sensível e científica do mundo. Trabalhar com cultura é estar atento às diferentes falas e formas de dizer a realidade, mas sem jamais perder a sua identidade: é do “lugar” da História que se colocam as questões e se formulam as perguntas dirigidas ao passado. Se uma hierarquia existe entre as diferentes falas e formas de conhecer o mundo, ela é aquela ditada desde o local da construção do problema que indaga sobre a realidade. (PESAVENTO, 2006, p. 46).

É nesse sentido que esta pesquisa pretende trabalhar a imagem do imigrante alemão nas pinturas de Weingärtner. Suas telas são locais onde guardam uma memória que representam um determinado grupo social, dentro da perspectiva da história

cultural, e sob o olhar da formação de uma identidade étnica que possibilita - através da análise dessas fontes - contar um pouco da história de imigração no sul do país.

A memória perpassa pelos elos biológicos, e pode ser entendida como:

[...] A noção de memória remete tanto aos mecanismos de acumulação, vinculando-se às formas de conservação, atualização e reconhecimento de uma lembrança, quanto aos processos de compartilhamento de representações sociais. Vinculada ao universo de interações e significações de um sujeito em seu mundo, é essa reinterpretação constante do passado, sua reconfiguração e formas de ação no presente, tal como abordou Maurice Halbwachs (1925) ao definir essas vinculações da memória individual com o seu contexto social (FERREIRA, 2012, p. 14).

Para Nora (1993) a memória é um processo vivido em evolução constante e vulnerável a todas manipulações, pois: “A memória é vida, [...] aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações” (NORA, 1993, p. 09). Ao tratar a memória e a história, Nora (1993) vê a história como um registro, uma crítica, uma reflexão e uma problemática; a memória aparece como uma repetição do passado:

A história é reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. [...] A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo” (NORA, 1993, p. 09).

Contudo, a relação do homem com a natureza, na presente pesquisa torna-se fundamental para compreender o processo de colonização, que está vinculado a ação/relação do homem com a natureza. Historicamente os fenômenos ambientais ocorrem devido a ação humana. Esse fato decorre desde o momento que o homem passa a interferir na natureza, seja através da agricultura para subsistência ou da remoção vegetal para ocupação do terreno; ou também, para a obtenção de lucro pela exploração natural.

O impacto das atividades humanas sobre o meio ambiente não é um fenômeno recente. Historicamente tem-se observado um desencadeamento de fatos contribuintes e agravantes da degradação ambiental vivenciada globalmente, que vão desde o advento do desenvolvimento das atividades agrícolas, passando pela Revolução Industrial, até culminar no atual modo de vida capitalista. (BORGES; TACHIBANA, 2005, p. 1).

Ao longo do século XIX, com o desenvolvimento das ciências, a natureza passa, então, a ser entendida de forma crescente, como um objeto a ser dominado/domesticado. O modo de produção capitalista vai dar as bases para transformar essa relação: que deixa de ser em função da necessidade de subsistência e passa a ser um modelo que serve aos interesses do modo de produção capitalista. (OLIVEIRA, 2002, p. 5).

Uwe Lübken (2013) ao tratar sobre o meio ambiente e as alterações sofridas ao longo do tempo, e que teriam influenciado os processos de migração/imigração, observa:

É importante notar que a relação entre meio ambiente e migrações não implica apenas deslocamentos por mudanças ambientais radicais. Em vez disso, trata-se de uma “complexa via de mão dupla envolvendo tanto mudanças causadas pelas alterações ambientais quanto as mudanças geradas pelos migrantes no ambiente onde estes se instalam”, conforme Graeme Hugo apontou. Parece justo dizer que toda migração em massa tem em algum grau alterado o meio ambiente. (LÜBKEN, 2013, p. 22).

Nas pinturas de paisagem de Weingärtner notamos o discurso do homem controlando a natureza selvagem, de forma que, marcadamente, observa-se em suas telas o processo de ocupação da terra e a forma que ela vai sendo transformada e apropriada pelo homem. Neste início, ainda prevalece a relação que prisma pela subsistência, visível por meio das hortas e das plantações; ou pela devastação da floresta para ocupação e assentamento humano.

Pedro Weingärtner foi um pintor viajante que teve contato com diferentes cidades do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, pôde observar a formação desses núcleos e as consequências ambientais desse processo. E, embora sem essa preocupação<sup>1</sup>, deixou registrado em suas pinceladas as transformações ambientais junto com os aspectos da vida cotidiana da população simples e rural rio-grandense, como nos momentos de sociabilidade e lazer retratados nas rodas de chimarrão, nas festas do *Kerb*, nos sanfoneiros e nos grupos de conversas. Sendo um artista da

---

<sup>1</sup> A História Ambiental como campo historiográfico começou a estruturar-se nos anos 1970, em diferentes países. Em 1977 foi formada a primeira sociedade científica voltada para pesquisa nessa temática, a American society for environmental Histoy. (PÁDUA, 2010, p. 81).

transição do século XIX para o XX, faz-se necessário compreender o contexto deste período, uma vez que se pretende vinculá-lo às pinturas.

O Brasil durante a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX possuía interesse em promover a imigração por diversos fatores internos, como o “branqueamento” da população; formação do exército nacional; eliminação das nações indígena; segurança nacional; valorização fundiária; mão de obra barata para trabalhar nos latifúndios; construção e valorização de estradas e criação de uma classe média brasileira. (DREHER, 1995).

Conforme Cacilda Estevão dos Reis e Solange Ramos de Andrade (s/d, p. 3-4), ao tratar os motivos da vinda dos imigrantes ao Brasil, atentam que um dos fatores seria a possibilidade de tornar-se dono de alguma terra:

O contingente de imigrantes que partiu para o Brasil era, em sua maioria, de origem camponesa e seu destino ao imigrar, não se desvincularia das experiências anteriormente vividas no país de origem. O imigrante buscava na nova terra meios de prosperar, de se tornar, principalmente proprietário de terra no Brasil, uma vez que em sua pátria a posse da terra estaria fora de seu alcance. (REIS; ANDRADE, s/d, p. 3-4),

Carlos Renato Carola (2012, p. 21-25) propõe-se a discutir a representação da natureza nos documentos e na historiografia. Focaliza o processo de degradação ambiental provocado pelos imigrantes europeus no século XIX e XX, quando de sua chegada ao Brasil, por meio da análise da colonização e da mineração na região de Santa Catarina. Carola aponta um discurso historiográfico da colonização partindo de uma ideologia que ressalta o progresso em face à destruição do mundo natural. Nesse discurso, os europeus aparecem como necessários para civilizar o Brasil. São os homens que enfrentaram – heroicamente – a natureza selvagem, a qual tiveram que domar e destruir para poder se estabelecer, e, assim, trazer consigo o progresso da vida civilizada. Esses desbravadores, ditos “pioneiros” justificam os seus atos de extermínio do ambiente natural e a violência contra o indígena pela necessidade do progresso. Já o modelo de mineração contemplado por Carola (2012, p. 32-33) é visto como um modelo de maior impacto e ainda mais avassalador do que o processo de colonização. Neste caso, adere-se igualmente ao discurso da civilização, onde o progresso, o desenvolvimento e o mito do imigrante pioneiro ofuscam o desastre socioambiental causado na região, devido, principalmente, à exploração do carvão. Conclui com isso

que a historiografia tradicional da imigração e colonização em Santa Catarina vem sendo construída sobre a base da história evolutiva e do progresso econômico. Ela descarta – ou ignora – os impactos socioambientais. Nas palavras de Carola (2012):

Os “colonos pioneiros” viam a natureza como algo a ser conquistado, domesticado ou destruído. Desse ponto de vista, o mundo natural e a cultura americana, particularmente a cultura indígena, aparecem como obstáculo aos heroicos “desbravadores pioneiros”, homem da civilização e do progresso. O empreendimento da colonização não é visto como um processo de dominação, de conquista e de destruição da natureza, e sim como um triunfo da civilização contra o mundo natural. (CAROLA, 2012, p. 37).

Esse discurso também se encontra presente nas pinturas do século XIX e XX, conforme pode ser observado na tela abaixo de Pedro Weingärtner, onde alguns elementos se assemelham às narrativas da historiografia.

Na tela que segue (Figura 1), é representado o início da colonização no Rio Grande do Sul. O cenário, além do casal, é outro personagem importante nessa obra. Apresenta o cair da tarde simbolizado pelo rosado do céu, o que propicia um ar mais cansado ainda para o casal recém chegado da Europa que teria trabalhado o dia inteiro<sup>2</sup>. Aponta para poucas casas ao fundo, bem simples, com fumaça saindo pela chaminé. No segundo plano o desmatamento necessário para o estabelecimento dos imigrantes; os troncos de árvores caídos e recentemente cortados, encontram-se expostos a beira de um riacho que corre no canto direito da pintura. Além disso, os sulcos abertos na terra representam o trabalho do dia, indicando o início de uma plantação e demarcando a importância da agricultura de subsistência.

---

<sup>2</sup> As informações sobre a tela ficam a crédito de Ângelo Guido (1956) que, ao manusear o documentação do pintor, teria encontrado um importante relato sobre a pintura *Tempora Mutantur*: “Weingärtner ao pintar *Tempora Mutantur* quis contar uma história que ele mesmo relata deste modo na carta a um amigo: ‘Este quadro fiz expressamente para nós, porque aqui na Europa não se compreende facilmente o assunto; inspirei-me para fazê-lo, em certo tipo que encontrei em nosso caro Brasil, homens que aqui na Europa faziam figura, de famílias nobres, que por qualquer motivo abandonaram a pátria atrás da fortuna na América e caíram no caminho e lá se foram água a baixo e ficaram reduzidos ao que vi’. [...] Lembra-te do...? Eu quis fazer um tipo igual, que, não encontrando ocupação, foi obrigado a retirar-se para uma colônia, e esta é a cena que reproduzi no quadro, o primeiro dia de trabalho, a pobre mulher vendo as mãos que foram belas e alvas, hoje queimadas pelo sol e calejadas pelo primeiro dia de labor.” (GUIDO, 1956, p. 92-93).





**Figura 1:** Pedro Weingärtner. *Tempora Mutantur*, 1898 (Roma). Óleo sobre tela. 110,3 x 144 cm. Acervo Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Porto Alegre, RS. Reprodução em TARASANTCHI, 2009, p. 86.

Com esse pano de fundo, alguns elementos sobressaem na interpretação dessa imagem. Nota-se o cansaço do casal, e isso remete, em certa medida, a uma narrativa que coloca esse tipo social em uma situação de “coitadismo”<sup>3</sup>, em um ambiente precário, longe da sua terra natal, e que tem como cenário a mata parcialmente indomada. A própria representação do trabalho nessa pintura transmite a ideia de que o processo de ocupação está no início.

No caso deste quadro, o discurso visual empregado é semelhante ao da literatura aqui discutida por Carola (2012). Embora o casal de colonos não apareça de forma heroica, eles são representados como áduos trabalhadores rurais que estão em um momento de descanso frente ao muito trabalho que tiveram durante o dia. O cenário ao fundo aponta para o trabalho futuro que espera os imigrantes, devendo controlar a mata para que ocorra o assentamento e estabelecimento das famílias em terras brasileiras. É possível identificar nesta pintura a criação de uma identidade para o imigrante europeu relacionada à vida no campo e ao trabalho rural.

O processo de colonização de fato não era simples, muito em função do ambiente e da precariedade de ferramentas dos colonos, o manejo da terra parece ter

---

<sup>3</sup> Esse termo refere-se ao que a pesquisa entende ao analisar o olhar do pintor para esta tela. Weingärtner estaria tratando esse processo de colonização, ao menos nesta pintura, como algo oriundo do trabalho pesado dos imigrantes, representados como trabalhadores áduos. Esclarecendo que essa seria uma possibilidade de leitura da obra, não sendo necessariamente uma análise definitiva, e, tão pouco realista do processo de imigração e colonização do Rio Grande do Sul.



vido prioridade ao primeiros imigrantes que chegaram ao Rio Grande do Sul, conforme Juliana Bublitz (2010):

Quaisquer que fossem os sentimentos nutridos pelos recém-chegados em relação à mata, uma questão prática passava a ser fundamental e prioritária a partir do momento em que punham os pés na fronteira verde: eles precisavam aprender a lidar com a floresta, por uma questão de sobrevivência. A situação agravava-se, [...] porque lhes faltavam ferramentas, alimentos, dinheiro e conhecimentos a respeito dos recursos que a natureza poderia lhes oferecer. Em outras palavras, os alemães se viam obrigados a aprender, o mais rápido possível, a desbravar – e esse foi o primeiro passo (e talvez o mais difícil) do processo de tropicalização a que se submeteram nos confins do Rio Grande. Assim que recebiam seus lotes, precisavam agir rápido para garantir o futuro. E muito mais o presente. (BUBLITZ, 2010, p. 72).

Eduardo Relly (2013) afirma que ao desconhecer a natureza rio-grandense, se tornou necessário ao imigrante alemão a adaptação ao novo cenário florestal: “Era preciso criar estratégias de derrube em razão dos novamente citados cipós. Operacionalizar o desmatamento não se constituía numa atividade cega e febril dos golpes do machado e do facão”. (RELLY, 2013, p. 114). De certo modo é o que parece que Weingärtner buscou retratar em sua tela *Tempora Mutantur*: o colono alemão como protagonista do trabalho de desmatamento da floresta.

Paulo Roberto Rodrigues Soares (2001) faz uma discussão sobre o processo de modernização na cidade de Pelotas. Soares aponta para um panorama de crescimento demográfico aliado a industrialização que vai proporcionar que se passe a pensar nas questões de saneamento e de urbanização. Um dos mais importantes motivos da necessidade de organizar a cidade e o saneamento foi buscar melhores condições de salubridade, principalmente pelas manifestações de epidemias no final do século XIX que se propagaram pelos cantos de Pelotas. Na tentativa de contornar essas doenças, e de diminuir o número de mortalidade, as políticas sanitárias passaram não só a ser discutidas, mas também a se tornarem prioridades. Soares (2001) tem por objetivo apontar a forma que a cidade de Pelotas se utilizou do higienismo para controle social em um momento que passava pelo início da industrialização. Ainda assim, coloca esses elementos em um patamar parecido com o texto de Carola (2012), já que também vê no discurso da época, em Santa Catarina, a necessidade de vencer o ambiente hostil para expansão urbana e para o progresso:

A história do saneamento da cidade pode ser contada também como a história da dominação da natureza pela sociedade, com sucessivas intervenções no sítio

urbano, aniquilando as barreiras para sua expansão e, principalmente, para a correção do terreno da área central. O clima extremamente úmido durante todo ano (sobretudo no inverno) e a abundância de águas circundantes engendraram uma série de ações contra as águas paradas, vistas então como a causa principal das enfermidades por serem as fontes dos *miasmas* (SOARES, 2001, p. 4).

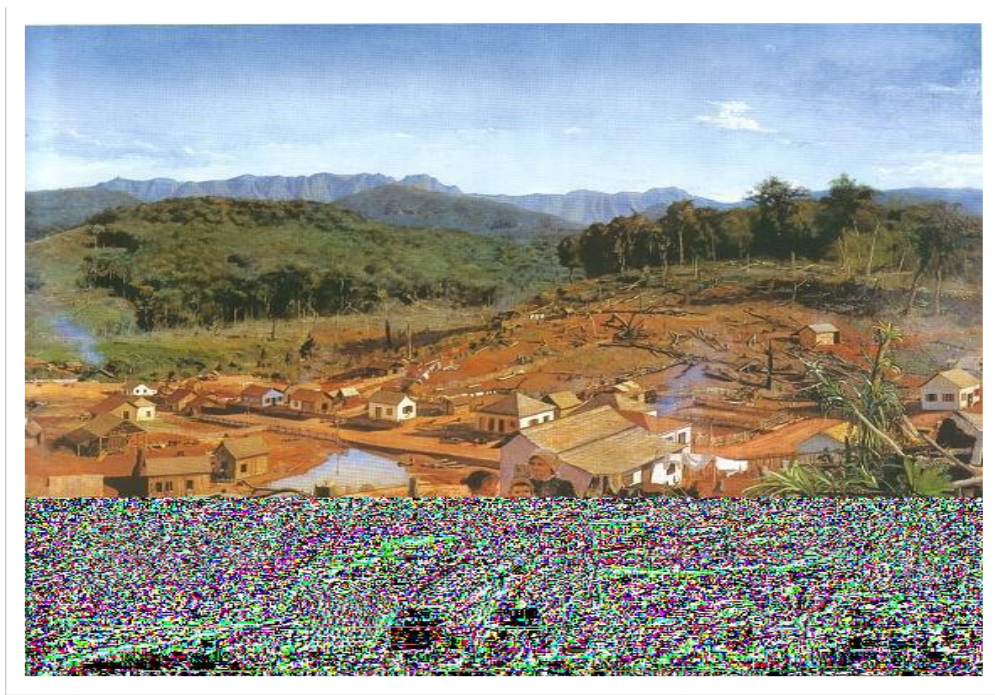
Fábio Alexandre dos Santos (2006) vai abordar o processo de modernidade em São Paulo, aliando a economia cafeeira à imigração europeia, buscando compreender questões como o crescimento demográfico, a expansão urbana e o abastecimento das águas. Santos (2006) aponta que no início do século XX ocorreu um crescimento demográfico significativo que exigiu intervenção do governo nas aglomerações urbanas que estavam se formando, muito em função do processo imigratório. Uma vez que as doenças eram relacionadas às más condições de vida, culminou com a necessidade de gerar um incentivo para a formação dos primeiros serviços públicos destinados à saúde. Pretendia-se, por meio da legislação, o controle de doenças transmissíveis através da intervenção nos espaços urbanos e no meio físico. (SANTOS, 2006, p. 88).

Santos (2006), ao tratar a questão das águas, afirma que o abastecimento já era um problema que chamava a atenção ao final do século XIX. As melhorias aconteceram na transição para o século XX, mas não deram conta do contingente presente na cidade - que crescia em função das grandes levas de imigrantes europeus que chegavam ao Brasil nesse período. Diversos lugares eram considerados insalubres e sofriam com a frequente falta de água. Algumas obras de canalização de água foram elaboradas, como as do Rio Anhangabáú e Tietê, além de outros lençóis d'água visando solucionar os problemas. No entanto, isso ocorreu sem obter o sucesso esperado. (SANTOS, 2006, p. 102). Ao retomar a questão econômica do café, Santos (2006) afirma que:

[...] Os problemas relacionados aos serviços sanitários e de fornecimento de água e coleta de esgotos na cidade de São Paulo foram focos de preocupações como parte de um conjunto maior que encontra seu fundamento no complexo econômico pautado no café, o que não exclui o fato, por sua vez, de ter legado à cidade importantes serviços que a dinamizaram e ajudaram a promover a sua própria diversificação urbana. (SANTOS, 2006, p. 104).

Cabe vincular esse texto a outra pintura de Weingärtner, de 1893, intitulada *Vida Nova*, onde o pintor representa o processo de formação da cidade de Nova Veneza, em Santa Catarina. A pintura está dividida em três planos distintos. No primeiro plano notamos uma mulher e duas meninas sorridentes, com cestos de roupa para lavar, e um fogo de chão no canto direito da tela. Destaca-se, pois, a importância do núcleo familiar na colônia. Uma pequena horta, homens trabalhando com carroças

cheias de madeira e feno, roupas estendidas nos varais: tais elementos ganham destaque na análise, pois vão formulando a vida cotidiana e a forma da estrutura social do grupo. No segundo plano da pintura pode-se perceber o surgimento de Nova Veneza. Aparecem as casas simples de madeira e desorganizadas sob um chão de terra vermelha irregular com diversos troncos de árvores cortadas e espalhadas sobre o chão. Mostra a construção da colônia, onde muitas casas simples vão dando contorno ao cenário urbano em formação. Ainda nessa segunda parte da pintura, é possível notar algumas árvores fazendo sombra e muitos troncos cortados - representando o desmatamento para o estabelecimento das novas famílias. Já no terceiro plano, nota-se toda a mata virgem intacta, como que se estivesse esperando para ser desbravada. O terreno tortuoso designa também as dificuldades do estabelecimento destes imigrantes.



**Figura 2:** Pedro Weingärtner. Vida Nova. 1893 (Nova Veneza), óleo sobre tela 120 x 160 cm. Acervo da prefeitura de Nova Veneza, SC. Reprodução em TARASANTCHI, 2009, p. 119.

Essa pintura, intitulada *Vida Nova*, representa a instalação dos primeiros imigrantes ao chegar ao Estado de Santa Catarina<sup>4</sup>. A leitura que é possibilitada fazer na tela é que os imigrantes encontraram vastos campos a serem desmatados e tudo a ser

---

<sup>4</sup> No município de Nova Veneza foram confeccionados alguns quadros que registravam episódios da Revolução Federalista e ainda outra tela intitulada *Nova Veneza*.

construído, incluindo as primeiras moradias. Esse quadro é bastante representativo da cultura e do modo de vida dos colonos recém chegados. É possível observar o estilo de vida que levavam, a vestimenta simples, a plantação e a colheita; o desmatamento necessário e o fogo de chão. Todos esses elementos foram retratados pelo pintor Pedro Weingärtner com uma riqueza de detalhes minuciosamente executados. Tarasantchi (2009) atenta:

Além das cenas rio-grandenses, o artista também nos legou importantes flagrantes da vida em outras partes do sul do país. Nas suas freqüentes viagens à terra gaúcha, Weingärtner costumava embrenhar-se pelo interior, tendo chegado até Santa Catarina. Foi lá que um dia vislumbrou o surgimento de Nova Veneza e o flagrou numa pintura magnífica que chamou de *Vida Nova*. (TARASANTCHI, 2009, p.116).

Weingärtner representou a formação da cidade de modo que ficasse bastante evidente a forma como tal grupo de imigrantes estava se estruturando. Chama a atenção as casas construídas em volta do rio, visando facilitar o abastecimento das moradias e a irrigação das hortas - como a que aparece no primeiro plano da pintura. As partes menos irregulares, por sua vez, apresentam mais casas, sendo diferente dos terrenos mais altos e, portanto, distantes da água corrente e da plantação de subsistência. Bohns (2012) afirma que nessa pintura: “[...] se pode perceber uma certa noção de planejamento urbano, ainda que intuitivo, que se manifesta pela intervenção e organização do espaço feita pelo grupo ocupante”. (BOHNS, 2012, p. 881).

Sobre o processo de modernização das cidades e dos usos da água, em São Paulo no século XIX, Denise Bernuzzi de Sant’anna (2007), faz uma discussão partindo de dois discursos. O primeiro trata as doenças e as relaciona com os aspectos sanitaristas. Os miasmas e os microrganismos que seriam uma preocupação pungente na época. O segundo aborda as doenças – consideradas um problema típico das águas impuras – com as construções no espaço urbano e com a necessidade de modernizar a cidade e afastá-la cada vez mais do meio rural. Para tratar dessas questões cria-se um discurso de incivilização das partes “doentes” e sujas da cidade, em contraponto com a necessidade de aformosear o espaço urbano, principalmente por meio do investimento nos jardins (SANT’ANNA, 2007, p. 228) que deveriam: “[...] exalar o perfume das flores e

testemunhar o bom gosto e a civilidade de seus proprietários” (SANT’ANNA, 2007, p. 229).

Sant’anna (2007) vincula as questões de saúde com o trabalho, principalmente o do imigrante europeu:

Dentro das supostas partes incivilizadas da cidade, diversas associações entre higiene e trabalho não tardaram a aparecer. Assim, por exemplo, o vínculo entre imigrantes italianos e o espírito empreendedor era sugerido por meio das painéis reluzentes expostas nas janelas das moradias do Brás, como se tais equipamentos estivessem numa vitrina, pois podiam ser vistos pelos transeuntes (SANT’ANNA, 2007, p. 230).

Contudo, esta civilização almejada não pôde ser contemplada em função da própria realidade urbana que não estava devidamente “equipada” para tratar das águas, e modernizar a cidade de forma satisfatória às exigências da população.

### **Considerações Finais**

A vida dos agricultores colonos lutando para sobreviver em meio a vasta floresta brasileira foi tema recorrente nas pinturas de Weingärtner. A condição do colono como causador da destruição das matas acentua a relação do homem com a natureza do final do século XIX. Nesse sentido, as pinturas vem em auxílio ao pesquisador dando pistas sobre a complexa relação do homem com o ambiente natural do Brasil no final do século XIX e início do século XX.

O contexto nos apresenta que a despeito de que tenha ocorrido muito de perda de fauna e flora no território nacional, era importante esse processo para a sobrevivência das famílias imigrantes, bem como é provável que tenha sido assim para a família Weingärtner - imigrantes alemães vindos para o Brasil ainda no século XIX.

Nota-se, um discurso bastante marcado na historiografia sobre os aspectos de modernização/urbanização vinculados ao ideal de progresso. Seja ainda no século XIX com a chegada dos primeiros imigrantes que vieram “desbravar” e “vencer” o território selvagem, ou ainda, durante o século XX, com a necessidade de organizar e controlar as cidades em função do aumento demográfico e da proliferação de doenças e de epidemias que se dizimavam na sociedade. O ponto em comum é que as preocupações do período não abrangeram os impactos socioambientais desses processos, como vimos nos textos aqui discutidos. A necessidade da água, do esgoto, da eletricidade, da exploração do minério e da urbanização não levaram em conta a devastação do meio

ambiente. Estavam “protegidos” por um discurso de progresso e civilização. Esses elementos também aparecem nas pinturas de Weingärtner e relacionam-se diretamente com essa historiografia. Embora as pinturas sejam fontes iconográficas e que necessitem de uma metodologia de análise específica, além de relacioná-las com a própria biografia do pintor. Nesse caso, Weingärtner sendo filho de imigrantes alemães que passaram pelo processo de colonização, não é de estranhar que tenha representado os colonos através da formação de uma identidade vilculada à terra e ao processo de formação das colônias. Além disso, a subjetividade de quem interpreta as telas, o contexto em que foram criadas e a sua intencionalidade são aspectos fundamentais para interpretação das imagens. As pinturas são patrimônios iconográficos de uma época, que guardam uma memória e contam uma história de seu próprio tempo. Nesse caso, as fontes visuais contam um pouco do contexto encontrado na literatura aqui trabalhada.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Solange Ramos de; REIS, Cacilda Estevão dos. *A imigração Européia no discurso da elite política brasileira*. Disponível em: < [http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes\\_pde/artigo\\_cacilda\\_estevao\\_reis.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_cacilda_estevao_reis.pdf) > Acesso em 11 de jan. de 2015.

BOHNS, Neiva. *Da minúcia à síntese: a paisagem em Pedro Weingärtner e Leopoldo Gotuzzo*. ANAIS DO XXXII COLÓQUIO CBHA 2012. Universidade de Brasília, 2012.

BORGES, Fernando & TACHIBANA, Wilson. O quadro evolutivo do ambientalismo e os impactos no ambiente dos negócios. In: Simpósio de Engenharia de Produção, XII, 2005, Bauru. Anais do Simpósio de Engenharia de Produção, Bauru: UNESP, 2005.

BUBLITZ, Juliana. *Forasteiros na floresta subtropical: Uma história ambiental da colonização europeia no Rio Grande do Sul*. 2010. (Doutorado em História Social) Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ, Rio de Janeiro.

CAROLA, Carlos. A colonização e a mineração no Sul de Santa Catarina, Brasil: Uma história regional de dois modelos econômicos de alto impacto socioambiental (1875 -1946). In: KLANOVIEZ, Jô; ARRUDA, Gilmar; CARVALHO, Ely Berço de. *História Ambiental no Sul do Brasil: apropriação do mundo natural*. São Paulo: Alameda, 2012, p. 17 - 41.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DREHER, Martin. O fenômeno imigratório alemão para o Brasil. In: *Estudos Leopoldenses*. Vol. 31, no 142, Maio/Junho, 1995. p. 59-82.

FERREIRA, Maria. *Entre memória e patrimônio: a difícil gestão do passado*. In: *Historiae*. Rio Grande, V. 3 n. 3 , p. 9 -26, 2012.



- GUIDO, Angelo. *Pedro Weingärtner*. Porto Alegre: Diretoria de Artes da Divisão da Cultura, 1956.
- KERN, Maria. Tradição e Modernidade: A imagem e a questão da representação. In: *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v. XXXI, n. 2, p. 7-22, dezembro 2005.
- KLEIN, Herbert. Migração Internacional na História das Américas. In: FAUSTO, Boris (org.) *Fazer a América*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- LÜBKEN, Uwe. Migração e desastre. In: NODARI, Sueli Eunice; CORREA, Silvio Marcus de Souza. *Migrações e natureza*. São Leopoldo: Oikos, 2013.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, p. 07-28, dezembro de 1993.
- PÁDUA, José. As bases teóricas da história ambiental. In: *Estudos avançados*. São Paulo, vol. 24, p. 81-101, 2010.
- PAIVA, Eduardo. *História & Imagens*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2 ed. 2004.
- PESAVENTO, Sandra. Cultura e Representações, uma trajetória. In: *Anos 90*, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p.45-58, jan./dez. 2006
- RELLY, Eduardo. *Floresta, capital social e comunidade: imigração e as picadas teuto-brasileiras (1870-1920)*. 2013, (Dissertação de Mestrado) Centro universitário univates programa de pós-graduação. Mestrado em meio ambiente e desenvolvimento. Univates, Lajeado.
- SANT'ANNA, Denise. *Cidade das águas*. Usos de rios, córregos, bicas e chafarizes em São Paulo (1822 - 1901). São Paulo: ed. SENAC, 2007.
- SANTOS, Fábio. *Domando as águas: Salubridade e ocupação do espaço na cidade de São Paulo 1875 -1930*. São Paulo: Alameda, 2011.
- SOARES, Paulo. Modernidade urbana e dominação da natureza: o saneamento de Pelotas nas primeiras décadas do século XX. In: *História em Revista*. Pelotas: ICH – UFPEL, dez. 2001.
- SOAREZ DE OLIVEIRA, A.M. Relação homem/natureza no modo de produção capitalista. In: *Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona, Vol. VI, nº 119, 2002.
- TARASANTCHI, Ruth. *Pedro Weingärtner 1853-1929: Um artista entre o Velho e o Novo Mundo*. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2009.
- TURAZZI, Maria. *Iconografia e Patrimônio: O Catálogo da Exposição de História do Brasil e a fisionomia da nação*. RJ: Fundação da Biblioteca Nacional, 2009.